

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# O projeto de intervenção política de Jorge Amado e sua produção literária nos anos de 1950

Ronaldo Lima, Roberta Manuela Barros de Andrade

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9828>

Submetido em: 2024-09-11

Postado em: 2024-09-13 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## O PROJETO DE INTERVENÇÃO POLÍTICA DE JORGE AMADO E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA NOS ANOS DE 1950

Ronaldo de Souza Lima,  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6027-3161>.  
<[ronaldo.souza@aluno.uece.br](mailto:ronaldo.souza@aluno.uece.br)>  
Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, CE, Brasil

Roberta Manuela Barros de Andrade,  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8918-2186>  
<[roberta.manuela@uece.br](mailto:roberta.manuela@uece.br)>  
Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, CE, Brasil

**RESUMO:** Jorge Amado é um modelo exemplar para se captar as instigantes relações entre a sociologia da cultura e da intelectualidade, enfatizando as complexas interações entre artistas e intelectuais com o contexto sócio-histórico de seu tempo. A pesquisa investiga as aproximações entre a realidade social do Brasil nos anos 1950 e a literatura de Jorge Amado, traçando relações entre as ideias de modernização, desenvolvimento e revolução de costumes com o corpo literário do autor. A fim de investigar como a atuação político-intelectual de Amado está indissociável das transformações históricas vivenciadas por esse autor, apoiamo-nos na concepção, plenamente defendida por Williams (1960), de que o intelectual não é uma ilha isolada, mas o produto de uma trajetória social, de um determinado processo de socialização, de um conjunto de relações sociais. Nesse sentido, metodologicamente, optamos por realizar uma análise sócio-histórica da trajetória política de Jorge Amado. Este tipo de análise permite, como o definiu Thompson (1995), reconstruir as condições espaço temporais nas quais um conjunto de obras se materializa e é socialmente estruturado. Desta feita, propomos utilizar o estruturalismo genético de Goldmann (1976), estabelecendo as relações possíveis entre condições sociais e históricas específicas e sua obra literária. Assim, como desfecho dessa pesquisa, torna-se claro o afastamento de Jorge Amado do marxismo mais ortodoxo, trazendo o abandono de um caráter mais denunciante em suas obras para um mergulho em transformações sociais e políticas que se faz sobre uma profunda crítica de costumes.

**Palavras-chave:** Jorge Amado, Trajetória Social, Modernização Brasileira, Literatura Denunciante, Crítica dos Costumes.

## JORGE AMADO'S POLITICAL INTERVENTION PROJECT AND HIS LITERARY PRODUCTION IN THE 1950s

**ABSTRACT:** Jorge Amado is an exemplary model for capturing the instigating relationships between the sociology of culture and intellectuality, emphasizing the complex interactions between artists and intellectuals with the socio-historical context of their time. The research investigates the similarities between the social reality of Brazil in the 1950s and the literature of Jorge Amado, tracing relationships between the ideas of modernization, development and revolution in customs with the author's literary body. In order to investigate how Amado's political-intellectual performance is inseparable from the historical transformations experienced by this author, we rely on the conception, fully defended by Williams (1960), that the intellectual is not an isolated island, but the product of a social trajectory, a

certain socialization process, a set of social relations. In this sense, methodologically, we chose to carry out a socio-historical analysis of Jorge Amado's political trajectory. This type of analysis allows, as Thompson (1995) defined it, to reconstruct the spatial and temporal conditions in which a set of works materializes and is socially structured. This time, we propose to use Goldmann's genetic structuralism (1976), establishing the possible relationships between specific social and historical conditions and his literary work. Thus, as an outcome of this research, Jorge Amado's departure from the more orthodox Marxism becomes clear, bringing the abandonment of a more denunciationalist character in his works to a dive into social and political transformations that are based on a deep critique of customs.

**Keywords:** Jorge Amado, Social Trajectory, Brazilian Modernization, Denunciationalist Literature, Critique of Custom.

## INTRODUÇÃO

Jorge Amado é um dos escritores mais populares da história do Brasil, tendo várias de suas trinta e seis obras adaptadas para o cinema e televisão. O escritor foi um dos poucos autores brasileiros a conseguir unir uma unanimidade positiva de crítica e de público. Sua trajetória literária é marcada, em seus primeiros anos, por um viés denunciacionista, influenciado pelas diretrizes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) ao qual era filiado, o que demandava focar nas condições precárias de vida das classes populares. No entanto, na passagem dos anos 1940 para os anos 1950, este autor deixa de lado essa abordagem e passa a realizar uma crítica de costumes, visível nas obras de então. Essa reviravolta se dá em um período de profundas transformações políticas e sociais, alicerçadas por uma modernização estrutural e tecnológica que exalava otimismo e crença no desenvolvimento.

Essa percepção de que o Brasil estava em uma trajetória ascendente em direção aos países mais desenvolvidos do período, apesar de ser um anseio antigo, se consolida com o fim da Segunda Grande Guerra, a partir dos anos pós 1945. Nesse cenário, o mundo aparentava estar em um momento de reconstrução, fundado em uma filosofia de modernização. No Brasil, nas décadas de 1950-1960, essa percepção desemboca no que se convencionou nomear de projeto nacional-desenvolvimentista. Aqui, o período assinala o fim do Estado Novo de Getúlio Vargas e uma nova era democrática para a Nação, com o retorno de Vargas ao poder, em 1951, a presidência de Juscelino Kubitschek, em 1955 e a inauguração de Brasília, em 1960.

Neste período, a ideia de desenvolvimento dominou o debate público, os intelectuais do período focavam na imperiosidade de engajar o Brasil em transformações capazes de ultrapassar o atraso brasileiro diante dos Estados Unidos bem como de países da Europa Ocidental. Esse foi o mote a partir dos anos de 1930 para se pensar o Brasil, porém, com um adicional: a modernização só

teria lugar a partir da atuação de um Estado forte que inaugurasse uma nova era para o País, tanto urbana como industrial (VIANNA, 1987).

Nesse sentido, o governo de Vargas foi o motor propulsor de constantes estímulos a uma industrialização que rompesse com a nossa secular dependência de uma economia agroexportadora. Em sua gestão, quer como presidente eleito, quer como ditador, a perspectiva de um país urbano industrial ganhava fôlego. Estava em curso, pois, as bases para implantação de um poderoso parque industrial ao mesmo tempo em que, na política, a estratégia de controle social de Vargas, passava, ora pelo populismo, ora pelo trabalhismo. No entanto, em 1954, com o seu suicídio, há um realinhamento das forças políticas de então. A aliança política que possibilitou a eleição de Juscelino Kubitschek (JK) se fez, então, entre o Partido Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) que recebia o apoio do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Se no último governo de Getúlio Vargas, a posição dos comunistas era de combate à política de Getúlio, o mesmo não se deu com a subida de Juscelino Kubitschek ao poder. O nacional desenvolvimentismo<sup>1</sup>, base do governo de Kubitschek, buscava conjugar a constituição de um processo de industrialização, capaz de diminuir o peso da agroexportação na economia, ao mesmo tempo em que preservava a perspectiva de um controle nacional sobre o processo. O plano grandioso de 50 anos em 5, do então Presidente, necessitou de fortes investimentos na indústria, reunidos em seu Programa de Metas<sup>2</sup>. Como nos lembra Villela (2011),

Ao tomar posse, Juscelino assumia a Presidência de um país cuja população crescia a taxa anual próxima de 3%, tendo atingido pouco mais de 60 milhões de habitantes (a maior parte dos quais ainda vivia no campo). A importância relativa do setor rural se refletia na participação do setor agropecuário no PIB, que ainda era de 21% em 1956 — peso semelhante ao da indústria de transformação. Foi justamente esse sinal de atraso econômico que JK se empenhou em reverter, valendo-se, para tanto, de pesados investimentos públicos e privados nos setores industrial e de infraestrutura econômica, reunidos em seu Programa de Metas. Com ele, o país viveria uma fase áurea do desenvolvimentismo. (VILLELA, 2011, p. 27-28).

Dessa forma, o plano de metas de Kubitschek teve o feito de aprazer tanto as elites políticas e econômicas de nosso País como também o PCB que disputava com o PTB a hegemonia sobre o

---

<sup>1</sup> Este modelo defendia “o reaparelhamento, reorganização e expansão dos bens e serviços de infraestrutura; racionalização da agricultura e do escoamento e comercialização dos produtos da lavoura; industrialização acelerada, visando à substituição de importações e à expansão da indústria de base, notadamente a siderurgia, a química de base, a indústria de equipamentos etc” (JAGUARIBE, 2013, p.81)

<sup>2</sup> Tratava-se de um programa econômico e de planejamento voltado para acelerar o desenvolvimento do país. O projeto definia trinta objetivos, agrupados em cinco setores, a serem alcançados: energia, transporte, indústria, educação e alimentação.

movimento operário brasileiro (VECHIA, WOLTER e PINHEIRO, 2024). Os dois Partidos acreditavam que a consolidação da indústria no País estimularia uma substituição do perfil do eleitorado, agora, de aspecto mais urbano industrial, o que resultaria na constituição de uma consciência de classe por parte desse grande contingente proletariado, primeiro passo para a efetivação da tão esperada revolução social. Esse apoio se estendia à medida em que Kubitscheck, apregoava que mesmo o PCB estando oficialmente na ilegalidade, os comunistas não seriam importunados pelo Estado, permitindo que o Partido atuasse publicamente, sem nenhuma forma de repressão estatal, o que dava ao período ares de tolerância política.

Assim, adicionava-se ao programa nacional desenvolvimentista uma ótica de otimismo que reverberava em uma base de apoio significativa que incluía intelectuais, empresários, políticos, trabalhadores, militares, artistas e escritores. Neste contexto, indagamo-nos: como a realidade econômica, política e social do Brasil durante a década de 1950 afetou a produção literária de Jorge Amado bem como a recepção crítica de suas obras? Nessa perspectiva, a pesquisa investiga as aproximações entre a realidade social do Brasil nos anos 1950 e a literatura de Jorge Amado, traçando relações entre as ideias de modernização, desenvolvimento e revolução de costumes com o corpo literário do autor. Assim, em vista disso, é preciso entender a obra de Jorge Amado como indissociável das questões sociais e culturais típicas de seu tempo, depreendendo desse tempo, suas mazelas e inferindo como elas são apropriadas por esse autor e transportadas para a sua literatura.

Nessa direção, apoiamo-nos na concepção, plenamente defendida por Williams (1960), de que o intelectual/artista não é uma ilha isolada, mas o produto de uma trajetória social, de um determinado processo de socialização, de um conjunto de relações sociais. No entanto, é preciso destacar com Teixeira (2023, p. 10) que isso não significa que o autor interpele o modo de vida de sua classe, uma vez que, a análise de uma obra “envolve o reconhecimento desses atributos em uma parte da produção cultural, a qual, no entanto, não se confunde com qualquer noção de alta cultura, podendo emergir na produção de atores sociais pertencentes a qualquer classe ou estrato social”.

Neste caso, a literatura de Jorge Amado vai absorver fragmentos dessa mentalidade urbano industrial desenvolvimentista que irão permear o cenário sobre o qual as obras desse período, entre 1951 e 1961, serão publicadas. Esse ciclo Amadiano é marcado pelo início do Segundo Governo Vargas e se encerra em 1961, um ano após a inauguração de Brasília, delimitando o último ano em que Amado construiria uma obra em tempos de democracia. A obra seguinte, “Os pastores da noite” (1964), será publicada em pleno vigência do regime militar. É desse período *Os Subterrâneos da Liberdade*

(1954) que se divide em três volumes, *Os Ásperos Tempos*, *Agonia da Noite*, *A Luz no Túnel*, *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), *Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água* (1959) e *Os Velhos Marinheiros* ou o *Capitão de Longo Curso* (1961). Dentre essas obras, a que melhor retrata o fim do espectro “denuncionista” de Jorge Amado e a consolidação de uma reviravolta literária, a crítica de costumes, é, sem dúvidas, *Gabriela, cravo e canela* (1958).

Assim, a literatura de Jorge Amado engloba valores, práticas e experiências sociais que são demarcadas pela vivência política de seu autor. Nesse sentido, metodologicamente, optamos por realizar uma análise sócio-histórica da trajetória política de Jorge Amado. Este tipo de análise permite, como o definiu Thompson (1995), reconstruir as condições espaço temporais nas quais um conjunto de obras se materializa e é socialmente estruturada. Desta feita, propomos utilizar o estruturalismo genético<sup>3</sup> de Goldmann (1976), estabelecendo as relações possíveis entre condições sociais e históricas específicas e sua obra literária. Dessa forma, em Jorge Amado, não há uma fronteira intransponível entre realidade concreta e produção cultural, pelo contrário, só podemos entender a obra desse período se, em paralelo, houver a compreensão do entorno social que molda esse escritor. E sem sombra de dúvida, a percepção desse entorno foi mediada, em Jorge Amado, por sua filiação ao PCB, quer pela adesão a suas diretrizes (em um primeiro ciclo), quer por sua negação (em um certo intervalo de tempo), quer, principalmente, pelos seus processos de negociação com a ideologia do Partido, o que permearia toda a sua obra.

## **1 A NOVA ERA VARGAS E O AFASTAMENTO DE JORGE AMADO DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO**

A relação de Jorge Amado com o PCB é prenhe de contradições, adesões, rupturas, continuidades e descontinuidades. O autor havia se consagrado como o efetivo difusor das ideias do Partido, com a escrita em 1942, de *O cavaleiro da esperança*, biografia do revolucionário comunista Luís Carlos Prestes. Com o fim do Estado Novo e a reabertura democrática em 1945, Jorge Amado escreveu outros dois livros no mesmo alinhamento: *Homens e coisas do Partido Comunista* (1946) e *O PCB e a liberdade de criação* (1946) (AGUIAR, 2018). O primeiro refazia o perfil de ex-membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que tiveram trajetórias políticas relevantes, recontando a história do País

---

<sup>3</sup> Nessa perspectiva, a complexidade de uma obra provém do fato de seus criadores fazerem parte de distintos grupos sociais: familiares, intelectuais, profissionais que agem sobre a consciência individual. “As relações entre a obra verdadeiramente importante e o grupo social que por intermédio do criador – se conclui ser, em última instância, o verdadeiro autor da criação, são da mesma ordem que as relações entre os elementos da obra e o seu todo” (GOLDMANN, 1976, p.205)

do ponto de vista dos derrotados. E o segundo falava das relações entre o Partido e o mundo artístico que, na sua estratégia antiburguesa, financiava escritores e outros artistas brasileiros.

Dessa forma, Amado passava a ser visto como um nome de projeção política que poderia ser capitalizado nas eleições de 1945. Com sua ascendente popularidade, o escritor foi convocado pelo comitê estadual do PCB em São Paulo, em 1945, para compor a chapa de candidatos a deputado federal marcada para dezembro. A contragosto, Jorge Amado aceitou se candidatar, mesmo vindo a si mesmo prioritariamente como escritor e não como político de carreira. Acabou sendo eleito naquele ano. Na eleição Constituinte de 1945, o PCB conseguiu eleger um senador e 14 deputados federais à Assembleia Nacional Constituinte, além de 46 dos 855 deputados estaduais eleitos, 5,5% dos deputados estaduais do País. Na eleição de 1947, o PCB elegeu 18 vereadores no Distrito Federal, tendo sido também a maior bancada na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro (VECHIA, WOLTER e PINHEIRO, 2024).

Em 1946, a partir da influência que a chamada Guerra Fria irá exercer sobre o governo de Eurico Gaspar Dutra, o então Presidente irá limitar as liberdades democráticas, embora não se possa caracterizar o período como ditatorial. A cassação do registro do PCB vai ser, então, decorrência da influência que o governo norte-americano terá sobre o Brasil. A legalidade do Partido duraria, então, apenas dois anos, até 1947, transformando assim candidatos legitimamente eleitos em perseguidos políticos. Jorge Amado conseguira, se livrar do fardo de ser deputado, porém se viu obrigado a sair do País por conta da perseguição política que ia para além de uma mera filiação. No ano seguinte, em 1948, o escritor embarcava para Europa, juntamente com sua família para seu período de exílio. Foi um momento de grandes transformações na perspectiva política de Amado, tanto por conta do seu afastamento da própria nação quanto pelas experiências vivendo em lugares tão diversas.

Essa experiência molda a sua literatura que terá o papel de mediar as mais diversas denúncias sobre as mazelas do País. Desta feita, no início dos anos de 1950, pudemos ver Jorge Amado mantendo a sua tradição anterior de produção literária como forma de acusação a um País prenhe de desigualdades sociais. Nesse período, o autor vai se estabelecer definitivamente como uma figura proeminente do debate político nacional. Sendo importante figura comunista, e membro ativo do PCB, o escritor vê a instrumentalização das suas habilidades com a produção de livros diretamente alinhados aos ideais partidários.

Por conta das suas viagens por toda a Europa, Jorge Amado escreveu um livro relatando as consequências da vitória soviética na Segunda Guerra Mundial e exaltando os benefícios que a URSS

trazia ao mundo. Esses diversos relatos do autor foram reunidos na obra *O Mundo da Paz* (1951). Tratava-se, assim, de “notas de viagem, despretensiosas”, com que pretendia mostrar o trabalho construtivo da União Soviética. Acreditava colaborar para “o restabelecimento da verdade”, quando os leitores brasileiros recebiam páginas de uma “imprensa reacionária vendida ao imperialismo ianque”. (AGUIAR, 2018, p. 306). O livro reitera o posicionamento político do autor como defensor dos ideais comunistas. Uma proximidade política que se percebe a cada linha do livro, algo muito parecido com o que o autor fez na biografia de Prestes na qual as suas habilidades literárias foram usadas para exaltação do Partido.

Enquanto o Brasil passava por uma troca de comando na presidência, Jorge Amado, entre 1948 e 1952 viajou pela Suíça, França, Tchecoslováquia, União Soviética, dentre outros países. Em Paris, aproximou-se da intelectualidade local, com nomes como Pablo Picasso, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. No início da década, o autor também viajou a Moscou para receber o Prêmio Stálin da Paz, o mais importante prêmio da literatura soviética. Esse posicionamento de Jorge Amado reverbera as forças mais conservadoras que atuavam no interior do PCB naquele período. Nos anos de 1950, o PCB passou por uma profunda crise identitária, apresentando dissonâncias graves entre os seus quadros. Essas dissidências internas ganham fôlego, em 1956, a partir da denúncia pública dos crimes de Stalin realizada por Nikita Khrushchev, o que resultou em ações e contra reações dos intelectuais vinculados ao marxismo ao redor do globo. Na Europa, a desilusão com o regime soviético foi ainda alimentada pela invasão da URSS à Hungria. No Brasil, essas revelações estabeleceram um debate interno dentro do próprio Partido.

Três grupos expressaram-se no debate: Agildo Barata, que assumiu uma posição mais à direita; Mário Alves, Jacob Gorender e Apolônio de Carvalho responsabilizaram-se por abrir o debate crítico interno com posições mais à esquerda, enquanto João Amazonas, Arruda e Maurício Grabois mantiveram a linha oficial, com o apoio de Prestes [...] A postura deste grupo foi a de tentar impedir o debate a qualquer custo, embora, mais adiante, a posição de Prestes fosse se diferenciar (VECHIA, WOLTER e PINHEIRO, 2024, p. 237-238).

Então, nessas obras citadas, ainda se percebe uma relação direta e inequívoca entre a produção literária de Jorge Amado e os interesses ideológicos do PCB. Contudo, o governo de Eurico Gaspar Dutra, que perseguia os comunistas, chegava ao fim em janeiro de 1951 e quem retornaria ao poder seria Getúlio Vargas. Com essa auspiciosa notícia, após temporada na Europa, Jorge Amado retornaria ao Rio de Janeiro, em maio de 1952. Esta nova década, no entanto, apesar dos ares mais democráticos, apresenta um Brasil, cada dia mais, ideologicamente próximo dos Estados Unidos. O aporte

econômico fornecido por essa potência mundial impulsionaria de vez o nosso processo de industrialização e consolidaria as relações entre as duas nações. A influência da geopolítica hegemônica estadunidense era sentida, primeiramente, no âmbito econômico e tecnológico e em segundo lugar no âmbito político.

Particularmente no caso do Brasil, a vitória de Getúlio Vargas nas eleições de outubro de 1950 parece ter acelerado a disposição norte-americana de colaborar com o vasto programa de equipamento e expansão de setores de infraestrutura básica que o governo brasileiro vinha propondo insistentemente desde o final da guerra. (VIANNA, 2014, p. 122).

Mesmo antes da posse de Vargas em 31 de janeiro de 1951, o Brasil já formava a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos (CMBEU) que se propunha a fortalecer as relações econômicas entre as duas nações ao financiar projetos de construção de novas indústrias e obras no país (VIANNA e VILLELA, 2011). Essa filiação, clara, óbvia e direta, no então, não agrada ao PCB que vê essa relação estreita como mais uma expressão do imperialismo yanque, o que faz que o Partido, se oponha ao novo governo de Getúlio Vargas. Ao assumir a presidência, Vargas encontrava um país muito diferente de quando havia governado. A sociedade de classes possuía divisões ainda mais nítidas e o duplo processo de industrialização e urbanização fortalecera três setores: os industriais, a classe operária urbana e a classe média urbana (SKIDMORE, 1982). O que não significa que as tradicionais classes latifundiárias tivessem perdido sua influência. Na verdade, o fortalecimento de novos setores incrementava as tensões sociais ao colocar novos atores na disputa por favorecimentos políticos.

Jorge Amado, porém, estava afastado da produção escrita desde o falecimento da sua filha em 1950 e só retornaria aos livros com *Os subterrâneos da liberdade*. Nele, ele pretendia fazer “um panorama da vida brasileira a partir de 1937 até nossos dias” (AGUIAR, 2018, p. 329) como contou em carta aos amigos portugueses Alves Redol e Ferreira de Castro. A obra completa só conseguiria ser finalizada em 1954, com Jorge Amado já no Brasil. O livro, dividido em três partes, atravessaria todo um período de transformações políticas vivenciadas pelo Partido Comunista. Iniciando com os bastidores do golpe do Estado Novo e trespassando os anos de luta pela redemocratização. O livro foi muito bem aceita pelo Partido, assinalando-o como uma verdadeira obra de valores comunistas. Ironicamente, *Os subterrâneos da liberdade* seria a última obra explicitamente revolucionária do autor.

De acordo com Aguiar (2018) *Os subterrâneos da liberdade* foi muito elogiado na URSS onde os críticos louvaram o uso “correto” do método literário, que se afastava da narrativa naturalista e fazia uma obra propriamente revolucionária. Assim, Jorge Amado, aclamado por figuras importantes do Partido no cenário internacional, retornaria ao Brasil, em maio de 1952, sob o apoio do governo de

Getúlio, o mesmo que já o havia perseguido durante os anos 1930, o que, na época, o obrigou a exilar-se também. O autor chega ao País sob muitas críticas dos jornais locais, dentre eles, o de Carlos Lacerda, jornalista que ficou conhecido por ser forte opositor de Getúlio Vargas. A ofensiva contra o autor se concentrava no seu período de afastamento da nação e “abandono” das causas nacionais em busca do enriquecimento no exterior.

As críticas se seguiriam à publicação de *O mundo da paz* no Brasil que rendeu cinco edições até a suspensão da sua venda. As cópias do livro foram apreendidas por se enquadrarem na Lei de Segurança Nacional que considerava obras dessa natureza como subversivas (AGUIAR, 2018). Os ataques a Jorge Amado, de certa forma, provavam a sua relevância, ele não era mais somente um autor comunista saído do Brasil em exílio e que agora retornava, mas sim, um escritor de renome, influente no cenário mundial e nacional. É em meio a esse cenário de instabilidades da política interna brasileira que ocorre o fim do stalinismo soviético. Em 1953, Stálin faleceria e nos anos seguintes, os crimes realizados durante seu mandato começaram a ser denunciados.

Desta feita, o afastamento de Jorge Amado do regime não ocorreu devido a um evento específico, mas de maneira gradual, e não imediatamente após os crimes denunciados por Krushev em 1956. Em *Navegação de Cabotagem*, autobiografia de Jorge Amado escrita em 1986, o autor relata que teve a primeira desilusão com o regime soviético ainda na Europa quando, em 1940, estava em Budapeste e soube da condenação de vários comunistas húngaros à pena de morte e prisão perpétua por incitação contra o regime. As confissões foram arrancadas sob tortura pela polícia política agindo a serviço do regime (AMADO, 2012).

Nos anos seguintes, ficou sabendo de outras denúncias em outros locais, na Bulgária em 1949, em 1950 e 1952 na Tchecoslováquia e na Polônia em 1953 (AGUIAR, 2018). “Estes acontecimentos motivaram o rompimento de muitos comunistas com a URSS e a Terceira Internacional. Alguns deixaram de ser comunistas e outros tantos se afastaram da vida partidária, não foi, portanto, um caso isolado” (CALIXTO, 2016, p. 46). A divulgação do relatório Krushev afastou não somente Jorge Amado do comunismo, mas também uma série de outros escritores latino-americanos e europeus. Por conta disso, Jorge Amado se alija em definitivo do PCB. Apesar do seu afastamento do movimento partidário, Jorge Amado continuou a reiterar o seu posicionamento como comunista. Suas críticas eram muito mais vinculadas a um governante ditatorial específico, Stálin, do que ao comunismo como um movimento político-ideológico (CALIXTO, 2016).

Com o distanciamento de Jorge Amado do marxismo mais ortodoxo, o autor agora olhava para as transformações sociais e políticas com um viés muito mais cultural, usando da sua literatura como artifício de reflexão sobre uma brasilidade muito debatida durante o período. No entanto, esse mergulho nos “interstícios do Brasil”, esteve, em Jorge Amado, conectado a uma percepção nacional calcada no otimismo materializado na política econômica e social de Juscelino Kubistchek. É o que destaca Calixto (2016),

Além desta compreensão da realidade brasileira, que se tornou corrente no discurso de Amado, outra mudança perceptível na sua fala literária e extraliterária foi a incorporação de uma interpretação nacional calcada no otimismo e na cordialidade. O otimismo era uma notável faceta do tipo de nacionalismo brasileiro dos anos 1950 e 1960 que se relacionava com o advento do povo como sujeito político, com a sua mobilização a serviço da soberania nacional. Estava também ligado ao ideário do desenvolvimentismo pelo qual “a cidadania política deveria ampliar-se à medida que a modernização econômica promovesse a independência nacional. (CALIXTO, 2016, p. 296).

Esse desencantamento do autor com o Partido, reverberado no campo intelectual, juntamente com a reconfiguração geopolítica desencadeada pelo novo regime soviético, permitiria, enfim, que suas obras, antes proibidas, voltassem a ser aceitas no Brasil e no mundo. E isso alteraria não só a recepção das obras de Amado como também o seu próprio processo de produção artística. O clima era mais receptivo ao escritor, havia uma abertura política maior e uma liberdade mais acentuada para que Amado produzisse a literatura que desejava.

Porém, apesar do ambiente mais democrático e de uma maior liberdade cultural, as tensões internas da política brasileira estavam em ascensão. O atentado contra a vida do jornalista Carlos Lacerda, importante opositor de Getúlio Vargas, marca a derrocada do governo do então presidente. Na noite de 4 de agosto 1954, após retornar de um comício, Lacerda sofre uma tentativa de assassinato na rua Tonelero, em frente à sua casa. A investigação acabaria trazendo à tona nomes próximos de Getúlio Vargas, assim, formando fortes suspeitas sobre o presidente e intensificando as pressões sobre o governo (LUNA e KLEIN, 2016). Os pedidos de renúncia do presidente se acumularam em um rápido período de tempo, opositores, militares e membros do próprio partido exigiam a saída do governante. Contrário ao pedido de todos, Getúlio Vargas comete suicídio em 24 de agosto de 1954.

A morte de Vargas marca o fim de uma década de profundas transformações para o Brasil. O país modificou seu aporte econômico e infraestrutural de uma forma inédita até então. As transformações ocorriam de forma acelerada tanto no âmbito econômico quanto no cultural, concomitantemente, a produção literária de Jorge Amado também se viu afetada pelo ambiente caudaloso que se instituía no Brasil. É partindo desse ambiente político e social em acelerada

reconfiguração que percebemos uma gigantesca mudança de perspectiva na literatura do autor. Ele, que há décadas produzia uma literatura de denúncia das condições sociais das classes mais pobres, agora se encaminhava para uma literatura focada nos costumes, apresentando, agora, um cenário de ruptura ideológica com os setores mais tradicionais do Brasil.

Porém, de nenhuma forma podemos categorizar a produção artística de Amado no período somente como uma simples crítica dos costumes. Se Amado muda a sua perspectiva artística não é para nada mais do que acomodar reconfigurações das relações entre o campo e a cidade, o rural e o industrial, o atraso e a modernização, o público e o privado. Nessa perspectiva, a nova literatura de Jorge Amado se torna vetor de uma outra transformação, não menos política e não menos engajada do que a de suas produções anteriores, porém, mais compreensivamente ampla das profundas transformações sociais de seu tempo. Esse caudal social levaria à emergência de novas perspectivas para o futuro do país. A modernização não se limitava aos aspectos infraestruturais e tecnológicos, culturalmente passávamos também por transformações que davam conta do aparecimento de novas mentalidades que desafiavam os modos de agir, pensar e sentir vigentes. Dessa forma, o intelectual artista usava da sua obra para apontar os rumos futuros do país, organizando a consciência social emergente que surgia.

A busca de um roteiro para a revolução social que fizesse o país dar um salto em direção a outro estágio de desenvolvimento e bem-estar social acabava exigindo diagnósticos inovadores dos impasses nacionais e impunha a necessidade de uma nova consciência para construir um novo país. Nesse momento se reafirmou a importância do intelectual e do artista engajado; já não mais o guia conservador dos anos 1930, mas o guru revolucionário dos anos 1950 e 1960. (NAPOLITANO, 2019, p. 313).

. Portanto, os artistas brasileiros do período projetavam um novo Brasil, com novas perspectivas sobre as nossas dinâmicas culturais. É nesse bojo de transformações, prenes de novas tendências, que a inédita abordagem literária de Jorge Amado se consolidava com a publicação de *Gabriela, cravo e canela*.

## 2 OS ANOS DE CONFIANÇA NO BRASIL E O SUCESSO DE *GABRIELA*

*Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior* começou a ser escrito em 1956. Como era de costume, Jorge Amado passava dias e noites produzindo quase que sem parar em busca de cumprir o prazo que impusera a si mesmo. E assim, em agosto de 1958, o livro era finalmente lançado na Livraria São José, no Rio de Janeiro, com uma sessão de autógrafos e uma leitura de Jorge Amado

acompanhado musicalmente por Dorival Caymmi (AGUIAR, 2018). A obra foi um sucesso enorme, em março de 1959, apenas sete meses depois do lançamento, já estava na sua sexta edição. Sucesso de público e de crítica, *Gabriela* recebeu um prêmio que foi instituído naquele mesmo ano pela Câmara Brasileira do Livro. Vencera na categoria romance, angariando o troféu que hoje conhecemos como Prêmio Jabuti.

Críticos consagrados como Afrânio Coutinho, Nelson Werneck Sodré, Antônio Carlos Villaça, dentre outros, louvaram a maturidade literária de Amado e a sua extraordinária capacidade de contar histórias. E, apesar de alguns críticos mais conservadores mostrarem certa resistência em relação à obra, isso não freou os seus avanços nas vendas por todo o País. O sucesso foi imenso até mesmo quando comparamos a trajetória de Jorge Amado com autores consagrados de seu tempo como Érico Veríssimo, Euclides da Cunha e Olavo Bilac. Pela primeira vez, uma obra destronava, inclusive, sucesso editoriais mundiais como *Lolita*, *Doutor Jivago* e *...E o vento levou*.

No fim de 1960, *Gabriela* estava na 16ª edição, “um escândalo”, admirava-se em dezembro, o mesmo *Jornal do Brasil*. O clássico de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, levou quarenta anos para chegar a tanto. Nem Castro Alves, Nem Olavo Bilac, nem Erico Verissimo, nem Zé Lins tiveram tal sucesso. O maior êxito editorial do país, sem precedentes, estava ali. Dois anos e meio depois, Valdemar Cavalcanti registrava em *O Jornal*: a Martins lançava a vigésima edição, de 30 mil exemplares, e a tiragem global alcançava 193 500 exemplares. Entraram e saíram das listas de mais vendidos títulos como *Lolita* e *Doutor Jivago*, e a moça da região do cacau continuava. Em três anos, fez mais que ... *E o vento levou* em vinte, no Brasil. (AGUIAR, 2018, p. 377).

*Gabriela* conseguiu impactar não somente o cenário nacional, mas também adentra na esfera internacional. O livro foi um sucesso na União Soviética que passava por um processo de desestalinização e buscava novos ares literários. Paradoxalmente, a obra também foi sucesso nos Estados Unidos, país que há pouco o havia banido de todas as livrarias por ser considerado um autor subversivo. O sucesso de *Gabriela* nos EUA se deu justamente por trazer à tona, segundo os críticos estadunidenses, uma “mudança ideológica” de um autor que, aparentemente, abandonava o comunismo, o que não era, absolutamente verdade. Seja como for, o sucesso de *Gabriela* elevou Jorge Amado a uma fama nacional de tal forma que seu status como cidadão-intérprete do Brasil foi elevado. O autor não era mais somente o escritor comunista, politicamente ativo no meio social brasileiro através da sua literatura, mas um ícone nacional que simbolizava uma cultura brasileira que se exportava internacionalmente.

Em fins dos anos 1950, o sucesso literário de Jorge o levou a uma fama nacional e internacional jamais alcançada anteriormente por ele, especialmente em virtude do sucesso de *Gabriela cravo e canela*. Sua participação em eventos político-culturais ganhava assim uma significação maior em relação a do

intelectual-cidadão engajado. Ele se tornou símbolo do Brasil e da cultura brasileira, sendo progressivamente elevado ao posto de intérprete e ícone de brasilidade (CALIXTO, 2016, p. 320).

A percepção coletiva sobre *Gabriela* como um livro de mudanças, de transformações, de novos ares, condiz com a nova era da política brasileira em que o País se abria para um futuro promissor, após um período de enorme turbulência política. Aparentemente, o País estava passando por um período de transição, saindo de um passado agrário para um futuro industrial e urbano, o que propunha uma aceleração do desenvolvimento econômico e, portanto, mudanças estruturais por todo nosso território.

O Brasil rural, dos grandes latifundiários e coronéis, se encaminhava para o país da industrialização e urbanização. Neste cenário, a aparente “era de ouro” do crescimento econômico brasileiro se baseava numa reconfiguração econômica e, conseqüentemente, também cultural do país. Nas artes, o próprio governo se fazia protagonista dos novos tempos com a construção de Brasília, com sua arquitetura grandiosa, criada a partir das mãos do talentoso Oscar Niemeyer. Essa empreitada, ao mesmo tempo, política, econômica e artística emoldurava a percepção coletiva do novo governo como um marco de um Brasil em vias modernização.

O sentimento era de otimismo em relação ao futuro que se percebia como promissor. Os índices sociais melhoravam, a expectativa de vida aumentava, a taxa de mortalidade infantil caía e número de analfabetos deixava de ser maioria no país (VILLELA, 2011). O otimismo de Jorge Amado com os novos ares políticos e econômicos vinha de sua empolgação com os feitos do novo governo. Para Jorge Amado, o governo de Juscelino trazia avanços socioeconômicos significativos para a população brasileira. A construção de Brasília era um símbolo do fortalecimento de uma nova identidade nacional que se confirmaria na nova literatura que esse autor estava disposto a criar. No entanto, Jorge Amado não era o único intelectual empolgado com as transformações do País.

Amado e a intelectualidade do seu tempo participavam ativamente dessas mudanças, seguindo o ecossistema político da época que clamava pela participação dos intelectuais e artistas na formação do país. À direita e à esquerda, pintores, escritores e artistas em geral punham em prática seu desejo de direcionamento do país, uma vontade de “colocar o país nos trilhos” (NAPOLITANO, 2019). E Jorge Amado não era diferente, seu projeto literário, agora encabeçado por *Gabriela* é a consolidação de uma visão política transformadora que traria um novo caminho, pleno de desenvolvimento, para o Brasil.

Contudo, essa mudança de trajetória precisava, de alguma forma, superar, ou pelo menos confrontar, estruturas estabelecidas. Em um país de base econômica rural, essas estruturas hegemônicas encontram força na classe latifundiária dos grandes coronéis, sustentados, pela agroexportação. Setor que apesar de ver sua interferência na política nacional ser dividida com uma nova classe, a dos industrialistas, tinha ainda um peso nada desprezível na política e economia brasileiras. Contudo, essa transição, do rural ao urbano, impulsionada por Kubitschek, não viria sem o acirramento das tensões sociais entre dois modelos econômicos em disputa por uma hegemonia política.

O impulso do Brasil para a industrialização e para maior autonomia econômica tinha que despertar tensões sociais, especialmente entre as classes tradicionais ligadas ao comércio de exportação e importação. Estes grupos temiam a perda de importância relativa e de status, mas não estavam necessariamente preparados para se oporem à industrialização per se. Podiam, contudo, entrar em pânico diante do temor de que as modificações sociais e econômicas resultantes se operassem brusca ou indevidamente ou que a estrutura social existente pudesse ser derrubada (SKIDMORE, 1982, p. 142).

São essas tensões sociais entre o velho e o novo, entre o latifúndio e a indústria, somadas aos novos tempos, plenos de uma esperança renovada no que haveria de vir que são retratadas por Jorge Amado em *Gabriela*. A obra seria, portanto, a representação do embate entre essas estruturas hegemônicas mais tradicionais estabelecidas, representadas pelo latifúndio agroexportador, que vê seu campo de atuação ser afetado por configurações sociais inéditas advindas de forças emergentes de uma mentalidade urbano industrial. Não é à toa que *Gabriela cravo e canela* foi sentida já na época de sua publicação como um divisor de águas na produção do romancista, diferenciando-se dos chamados “romances proletários” aos quais havia se dedicado anteriormente. Se os ditos romances proletários de Amado denunciavam as condições sociais de forma mais direta, em *Gabriela*, ele muda o seu foco para a ruptura com uma mentalidade tradicional (advinda dos setores mais atrasados da sociedade brasileira) que não casava mais com os ares de modernização dos novos tempos.

Agora, não se tratava mais da compreensão da realidade brasileira a partir do proletariado, com a denúncia de suas condições materiais de existência deploráveis, e sim, a partir das relações tradicionais estabelecidas no interior do nordeste, especificamente, em Ilhéus, com seus grandes fazendeiros, pequenos comerciantes, donas de casa, puteiros e bares. *Gabriela, cravo e canela* narra a história de uma migrante que, em busca de melhores condições de vida, se muda para Ilhéus, no interior da Bahia, cidade que vivia das plantações de cacau em seu entorno. Gabriela seria, então, uma retirante que chega ao local sem nenhuma posse e sem nenhum parente. Sem família e sem

perspectivas, aceita quaisquer condições de trabalho que lhe são oferecidas, sendo contratada para cozinhar no bar local. A cozinheira passa a despertar a simpatia de Nacib e dos frequentadores do Vesúvio, mais famoso bar da comunidade, pela qualidade de sua comida, porém, mais predominantemente por sua beleza, cujo ápice, estaria em uma sensualidade inata à sua natureza.

A trama central da obra se concentra no relacionamento de Nacib Saad, comerciante local, dono do Bar Vesúvio, com Gabriela. Nacib começa a história como empregador de Gabriela, mas, no decorrer da trama passa a amante e transforma-se de amante a marido. Contudo, a oficialização da união reconfigura a relação dos dois e tem como consequência a restrição da liberdade sexual de Gabriela que está restrita, a partir de então, às obrigações de fidelidade e, portanto, de respeito à honra de Nacib. Mas, Gabriela representa na trama a liberdade sem amarras, a natureza incontida, a mulher plena, sem possibilidade de domesticação pelas normas sociais vigentes em seu tempo histórico. Desta feita, não é surpreendente Gabriela passar a ter relações sexuais com outros homens da comunidade. Porém, no momento em que a traição de Gabriela se faz pública, o casamento torna-se insustentável, a honra de Nacib está em perigo. Neste momento, o grande impasse se estabelece: irá Nacib continuar com a relação e ver sua honra a cada dia mais achincalhada pela opinião pública? Ou irá Nacib lavar sua honra em sangue, matando a adúltera e restituindo a ordem ao vilarejo?

No entanto, a traição feminina não é uma inovação que chega com Gabriela. A narrativa de Jorge Amado se inicia com a desgraça de Sinhazinha Guedes Mendonça, esposa adúltera do coronel Jesuíno Mendonça, maior latifundiário da região. Sinhazinha era a amante secreta de Osmundo Pimental, dentista da pequena comunidade. O casal flagrado pelo coronel tendo relações sexuais em sua cama é assassinado a tiros pelo marido traído sob a justificativa de defesa da honra. A resolução do fazendeiro de matar a esposa e seu amante, debatida por toda Ilhéus, é vista inicialmente, quase unanimemente, como adequada e, claramente, justificável. Nesse sentido, a obra de Jorge Amado apresenta, a partir de uma reflexão sobre o itinerário de Gabriela e de Sinhazinha, uma transformação na mentalidade dessa pequena comunidade. Essa transformação é deflagrada por Nacib que, ao invés de lavar sua honra com sangue, decide simplesmente anular a união com Gabriela, passando agora a desfrutar de uma relação sexual ativa com a ex-esposa, sem os imperativos de fidelidade do casamento burguês. O que era, portanto, no início do romance, justificável, torna-se um crime. A opinião pública se volta contra o coronel. Jesuíno Mendonça é condenado por assassinato e a narrativa se encerra, marcando a mudança definitiva nos costumes e tradições de Ilhéus.

Assim, Gabriela encarna os ventos de mudança, trazidos pela nova mentalidade urbano industrial que corrói por dentro a estrutura simbólica que sustenta o latifúndio na zona rural. O ideal nacional desenvolvimentista encontra, enfim, um correlato à sua altura, nos escritos de Jorge Amado. Desse modo, ao escrever sobre os costumes sociais de uma época, refletindo sobre as mudanças de padrões de comportamento de indivíduos ou grupos de indivíduos, em *Gabriela*, Jorge Amado não está produzindo somente ficção, mas também dando voz à chegada de uma nova mentalidade que emerge na sociedade brasileira, modificando o sistema moral sobre o qual a sociedade do atraso, a do latifúndio, se sustentaria. Desta feita, Jorge Amado propõe, ao narrar a história de Gabriela, uma filosofia da agência que encarna um novo tipo de revolução social, a que se ancora nos costumes. Desta feita, os protagonistas amadianos deixam de ser líderes políticos e revolucionários e passam a ser tipos comuns que expressariam a mudança da realidade social não por movimentos políticos violentos, mas por um novo modo de vida que se chocaria com instituições e tradições sociais estabelecidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A virada literária de Jorge Amado que, muitas vezes, foi posta como uma ruptura do seu projeto político foi por ele próprio rejeitada. Amado, ao longo de sua vida, sempre realçou a continuidade do seu projeto literário que nunca abandonou o cunho político-social. Até a sua morte, o autor sempre se afirmou como um escritor engajado, preocupado com as questões sociais de seu tempo.

A respeito da ideia de que *Gabriela cravo e canela* teria sido um divisor de águas, uma ruptura em sua obra, o posicionamento do autor foi mais uma vez o de reafirmar a unidade de sua obra dada pela sua posição ao lado do povo. Considerou que, diferentemente de uma ruptura, o que houve foi uma evolução de suas obras conforme foi ganhando experiência literária e humana. A única mudança séria que identificou em sua literatura foi o abandono de heróis, líderes e dirigentes políticos como protagonistas de seus livros (CALIXTO, 2016, p. 158).

Essa mudança de protagonismo de suas personagens, cremos, se deveu ao afastamento de Jorge Amado do marxismo mais ortodoxo incorporado pelo PCB de seu tempo, mas isso nunca significou abandonar os preceitos ideológicos que sustentariam, por toda a sua vida, seu desejo de participar da revolução social que o Brasil merecia realizar. Ele agora olha para as transformações sociais e políticas com um viés muito mais cultural, usando sua literatura como artifício de reflexão sobre uma brasilidade que se faz sobre uma profunda crítica de costumes. Tal ruptura é um

afastamento da literatura militante com discurso mais revolucionário para uma crítica cultural que olharia para o Brasil a partir dos subterrâneos da zona rural.

Neste período, seus protagonistas deixam de ser movidos por movimentos políticos institucionalmente mais radicais para se inserirem em um novo modo de vida que se chocaria com instituições e tradições sociais estabelecidas, propondo mudanças sociais mais graduais. A transformação de perspectiva condiz, assim, com o afastamento do autor da militância comunista e a aproximação a um sentimento nacional desenvolvimentista em relação ao futuro do país.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado: uma biografia**. São Paulo: Todavia, 2018.

AMADO, Jorge. **Navegação de cabotagem**: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CALIXTO, Carolina Fernandes. **História e memória na trajetória político-intelectual de Jorge Amado**. 2016. 408 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2016.

GOLDMANN, L. **Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, pp. 203-218.

JAGUARIBE, Hélio, **O Nacionalismo na Atualidade Brasileira**. Brasília. Fundação Alexandre de Gusmão, 2013.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. **História econômica e social do Brasil: o Brasil desde a República**. São Paulo: Saraiva, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. Arte e cultura na República de 1946. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (orgs.). **O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964: Terceira República (1945-1964)**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (O Brasil Republicano; 3). p. 305-340.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio Vargas à Castelo Branco, 1930 – 1964**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TEIXEIRA, Ana Lúcia. Breve apontamento sobre estrutura e agência na obra de Raymond Williams. **Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro, v. 13.01: e220045, 2023.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

VECHIA, Renato da Silva Della; WOLTER; Alana Huttner; PINHEIRO, Igor Venzke. A atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) nas diferentes conjunturas políticas até o Golpe Civil-Militar de 1964. **História em Revista**, v. 29, n. 1, p. 229-247, 30 jan. 2024.

VIANNA, Francisco J. de Oliveira, **Populações Meridionais do Brasil**. Belo Horizonte, Itatiaia, Niterói, Ed. UFF, 1987, 2 vols.

VIANNA, Sérgio Besserman. Duas tentativas de estabilização, 1951 – 1954. In: ABREU, Marcelo de Paiva (org.). **A ordem do progresso: dois séculos de política econômica no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014b, p. 121 – 142.

VIANNA, Sérgio Besserman; VILLELA, André. O pós-guerra: (1945 – 1955). In: GIAMBIAGI, Fábio et al. (orgs.). **Economia brasileira contemporânea: 1945 – 2010**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 1 – 24.

VILLELA, André. Dos “anos dourados” de JK à crise não resolvida. In: GIAMBIAGI, Fábio et al. (orgs.). **Economia brasileira contemporânea: 1945 – 2010**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 25-48.

WILLIAMS, Raymond. **Culture and society 1780-1950**. Garden City, Nova York: Doubleday Anchor, 1960.

#### **DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:**

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

#### **FINANCIAMENTO:**

Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos

#### **CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:**

**Ronaldo de Souza Lima:** Conceituação, Curadoria dos dados, Escrita, Preparação do Rascunho Original.

**Roberta Manuela Barros de Andrade:** Metodologia, Escrita, Revisão e Edição.

#### **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:**

Os autores declaram que não há conflito de interesses a mencionar.

#### **MINIBIOGRAFIAS DOS AUTORES DO PAPER**

**Ronaldo de Souza Lima:** Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS-UECE). Possui graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela UECE.

**Roberta Manuela Barros de Andrade:** Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Associada II da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS-UECE).

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.